



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
RIO DE JANEIRO – IFRJ  
CAMPUS SÃO JOÃO DE MERITI  
COORDENAÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO**

**Hellen Christina Azedias de Melo**

**“Era uma vez... Ei! Cadê eu” – Percepções de Letramento Racial Crítico  
em livros de literatura infantil ofertadas pelo PNLD (2021)**

**São João de Meriti – RJ  
2021**

**Hellen Christina Azedias de Melo**

**“Era uma vez... Ei! Cadê eu” – Percepções de Letramento Racial Crítico  
em livros de literatura infantil ofertadas pelo PNLD (2021)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Práticas de Letramento do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), como requisito para a obtenção do título de Especialista em Práticas de Letramento.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Me. Maria Gabriella Mayworm de Castro

**São João de Meriti – RJ  
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M528 Melo, Hellen Christina Azedias de.

“Era uma vez — Ei! Cadê eu” : percepções de Letramento Racial Crítico em livros de literaturas infantis ofertadas pelo PNLD (2021). /Hellen Christina Azedias de Melo. -- São João de Meriti, RJ, 2021.

41 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Práticas de Letramento) -- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnológico Rio de Janeiro, 2021.

Orientação: Profa. Ma. Maria Gabriella Mayworm de Castro.

1. Letramento racial crítico. 2. PNLD. 3. Literatura infantil.  
I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. Campus São João de Meriti. II. Título.

IFRJ/CSJM

CDU 37.091.3:82-93

**“Era uma vez... Ei! Cadê eu” – Percepções de Letramento Racial Crítico  
em livros de literatura infantil ofertadas pelo PNLD (2021)**

**HELLEN CHRISTINA AZEDIAS DE MELO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação lato sensu em Práticas de Letramento do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do certificado de Especialista em Práticas de Letramento.

Examinado por:

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Maria Gabriela Mayworm de Castro  
Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Orientadora

---

Prof(a). Dr. Luana Luna Teixeira  
Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Membro Interno

---

Prof(a). Me. Joana Elisa Costa Oscar  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

*A todos os alunos que tive em minha recente trajetória enquanto professora da Educação Infantil. Sem nossas trocas de experiências e saberes eu jamais chegaria à conclusão deste trabalho.*

## AGRADECIMENTOS

A toda energia presente neste mundo que me mantém viva e a Deus, Deuses e Deusas que abençoam meus caminhos e me dão sabedoria para enfrentar de pé todos os obstáculos materiais e imateriais.

A minha mãe, por ser minha melhor amiga e maior incentivadora e me permitir entender, desde a infância, o valor de uma boa formação.

Ao meu pai, que está sempre na torcida e expondo a todos o enorme orgulho que tem de mim.

Ao meu “paidrasto” Daniel por todo amor refletido em mimo diário e carinho em forma de implicância.

A todo o corpo docente responsável por este Curso de Especialização pelos ensinamentos e incentivo. Com vocês, os dias de sábado se tornaram dias de muito aprendizado em forma de troca de experiências.

À Maria Gabriela, minha orientadora, por ter sido tão paciente, amiga, parceira e, sobretudo, humana. Sem ela, com sua grande potência, este trabalho não teria sido construído.

A todos os meus amigos, que mesmo que não saibam, contribuíram direta ou indiretamente, através de palavras de força e compreensão nos momentos de ausência, para a construção deste trabalho.

Aos colegas de curso, que dividiram inúmeros sábados de muito aprendizado, amor, almoços, lanches e cafezinhos. Em especial à Carlinda Soares e à Rafaela Luzia, por serem grandes incentivadoras e referências de força e persistência na caminhada acadêmica.

A minha amiga Erika Pereira, colega de turma do curso, que se tornou uma grande amiga e exemplo nesta caminhada acadêmica. Obrigada por todos os dias de apoio contínuo na escrita deste trabalho. Sem dúvidas, sem ela, seria impossível.

Por fim, um agradecimento mais do que especial a todas as crianças que tive contato enquanto alunos nesta trajetória educacional. São nas nossas trocas e vivências que tenho a possibilidade, desejo e anseio de escrever todo e qualquer trabalho e foi exatamente assim com este.

*Sempre quis saber por que Tarzan era o rei da selva na África e era branco. Um homem branco com uma tanga na África gritando: 'Oh, oh, oh, oh!' Ele briga com os africanos e quebra as mandíbulas dos leões. Além disso, Tarzan fala com os animais, e os africanos que estão lá durante séculos não podem falar com os animais. Só o Tarzan pode.*

*(Muhammad Ali)*

## RESUMO

MELO, Hellen Christina Azedias. “Era uma vez... Ei! Cadê eu” – Percepções de Letramento Racial Crítico em livros de literaturas infantis ofertadas pelo PNLD (2021). 000f. Orientadora: Prof. Me. Maria Gabriela Mayworm. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Práticas de Letramento), Instituto Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

A atual pesquisa teve como objetivo analisar livros paradidáticos infantis para investigar de que maneira a literatura infantil, ofertada pelo Programa Nacional do Livro Didático, pode contribuir para a construção de referências para crianças negras. A investigação aconteceu no âmbito da educação infantil, e desenvolveu uma reflexão acerca das percepções e possíveis caminhos no campo do letramento racial crítico para efetivação de uma educação antirracista. Esta investigação surgiu a partir da observação, em minha experiência enquanto professora, da escassez de literaturas infantis que apresentem personagens e narrativas que abarquem negros e negras e as temáticas afrobrasileiras e africanas. Para a análise das literaturas, realizei uma pesquisa qualitativa e revisão bibliográfica com base em autores que debatem raça e racismo (MUNANGA, 2003; 2005; ALMEIDA, 2019), literatura e letramentos (FERREIRA, 2015), com o intuito de criar subsídios teórico-metodológicos para uma prática pedagógica antirracista. A partir da análise proposta foi constatada uma real escassez de literaturas que possibilitassem conexões com a realidade infantil e também nenhuma representatividade de autores negros e livros com temáticas raciais. Sendo assim, torna-se necessário e urgente que mais e mais pessoas se apropriem das percepções de Letramento Racial Crítico de modo a lutarmos diariamente para que nossa prática seja efetiva para uma educação antirracista.

**Palavras-chave:** Letramento Racial Crítico; PNLD; Literatura Infantil;



## **ABSTRACT**

MELO, Hellen Christina Azedias. “Once upon a times... Hey! Where am I?” – Perceptions of Critical Racial Literacy in children’s literature books offered by the PNLD (2021). 000f. Advisor: Maria Gabriela Mayworm de Castro. Final Paper (Specialization Course in Literacy Practices), Instituto Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>14</b>
1.1 PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO.....	15
1.2 DEFINIÇÕES DE LETRAMENTO.....	18
1.3. A TEORIA RACIAL CRÍTICA E O LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO.....	18
1.3.1 PRÁTICA DOCENTE E A LITERATURA INFANTIL: EXPERIÊNCIAS PESSOAIS .....	22
<b>2. METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>24</b>
2.1 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	27
<b>3. ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>28</b>
3.1 ANÁLISE INICIAL VERIFICANDO A EXISTÊNCIA DE PERSONAGENS E AUTORES NEGROS NAS IMAGENS .....	28
3.2 APRESENTAÇÃO DE RESUMOS DE HISTÓRIAS.....	29
3.3 ANÁLISE DO CONTEXTO EM QUE SE PASSAM OS ENREDOS DA HISTÓRIA: PROXIMIDADES E AFASTAMENTOS DA REALIDADE E POSSÍVEIS INTERPRETAÇÕES DO FANTÁSTICO .....	35
3.4 VERIFICAR E ANALISAR AUSÊNCIAS E PRESENÇAS DE RELAÇÕES COM A DIVERSIDADE RACIAL.....	36
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

O presente artigo surge diante das minhas experiências como docente de escolas municipais no contexto da Educação Infantil - há pelo menos quatro anos - e principalmente após os estudos específicos acerca da temática do Letramento Racial Crítico.

Pode-se observar que no contexto da realidade social na qual grande parte das escolas públicas de periferia está inserida, a maioria das crianças atendidas é negra (pretas e pardas)<sup>1</sup>. Vale ressaltar que, assim como Munanga (2003), não considero raça como conceito biológico, mas sim um conceito com fundamentações nas questões sociais e políticas. O autor relaciona a construção de ideologia com às relações de poder e dominação:

Podemos observar que o conceito de raça, tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação (MUNANGA, 2003, p. 6).

Sendo assim, raça é entendida como uma construção ideológica de forma a ser utilizada como uma categoria social de dominação e exclusão. Segundo Munanga (1996), o racismo permite que haja domínio e também atribui inferioridade a uma raça e de um grupo sobre outro.

Diante das marcas do racismo em nossa sociedade, é notório que a população negra, diante de um percurso histórico de silenciamento, vem ainda hoje, dia a dia, tendo seus direitos negados por um Estado que perpetua políticas de apagamento e extermínio do povo pobre e preto, como citado por Pessanha em sua dissertação:

As estratégias de captura, aprisionamento, exploração, dominação e extermínio do corpo negro servem de combustível para o capitalismo e seguem a cartilha do colonialismo e são amparados pelo contratualismo. Com a prática do biopoder, se faz matar o corpo. Com a prática do epistemicídio, se faz matar o saber. (Pessanha, E. A. D. M. (2018 p.9)

Diante desse cenário, é necessário, enquanto profissionais ativos e crentes no papel fundamental da educação, estarmos atentos a essas injustiças sociais para que consigamos nos movimentar e, com muita luta, modificar diariamente pequenas práticas a fim de minimizar as desigualdades abarcadas por nosso sistema que é racista estruturalmente:

---

<sup>1</sup> Entende-se por negros a população brasileira de pessoas composta por pretos e pardos segundo as pesquisas do IBGE. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística pesquisa a cor ou a raça da população brasileira com base na autodeclaração (as pessoas são perguntadas sobre sua cor de acordo com as seguintes opções: amarela, branca, parda, preta ou indígena).

Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade. É o que normalmente acontece nos governos, empresas e escolas em que não há mecanismos institucionais para tratar de conflitos racistas e sexuais (ALMEIDA, 2019, p. 48).

Sendo assim, tornam-se fundamentais as discussões sobre a temática racial, principalmente por também termos a Lei nº 10639/03, que estabelece a obrigatoriedade de inclusão no currículo oficial das redes de ensino a temática “História e Cultura Afro-brasileira.”

Com o início do curso de Pós-Graduação em Práticas de Letramento pude imergir, especialmente através de uma disciplina da professora Maria Aparecida Gomes Ferreira intitulada Letramentos Plurais: gênero, sexualidade e raça, nas discussões sobre o letramento racial crítico. Tive grandes descobertas e participar de discussões específicas sobre essa temática muito me impulsionou a repensar todo o contexto diário no qual estive inserida enquanto professora de escola pública nos três últimos anos em turmas de Educação Infantil, além de questionar algumas situações que antes passavam despercebidas, como a falta de representatividade negra no espaço escolar, tanto em murais, como em livros e brinquedos.

Na Educação Infantil temos como principais eixos norteadores da prática pedagógica as brincadeiras e as interações. Segundo as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil: “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira” (BRASIL, 2010). Sendo assim, uma das atividades mais importantes da Educação Infantil são os momentos de contação de histórias, quando a criança cria significados através das histórias contadas pelos adultos. Estes são momentos riquíssimos, pois além de ampliarem o repertório oral das crianças, também possibilitam o contato com a língua escrita e a construção do imaginário infantil. Além disso, é possível, através desses momentos, que a criança perceba o mundo ao seu redor e crie significados de maneira lúdica. Na Base Nacional Comum Curricular também temos a apresentação desses momentos como extremamente necessários:

Na Educação Infantil é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer (BRASIL, 2017, p.44).

Neste sentido, o documento aponta que é necessário que o trabalho na Educação Infantil proponha experiências com a literatura, no intuito de desenvolver o interesse pela leitura, estimular a imaginação e ampliar o conhecimento do mundo. Além disso, a BNCC aponta que através do convívio com a literatura as crianças passam a conhecer as letras, compreender a escrita como sistema de representação da língua e a construção de hipóteses de escritas espontâneas.

Na realidade da escola pública, muitos profissionais precisam custear do seu próprio bolso alguns materiais para sua prática. No entanto, os livros paradidáticos infantis são materiais que sempre chegam às escolas e isso pode ser percebido diante de um grande número de exemplares que, para além das salas de leitura, encontram-se pelas salas das creches e pré-escolas nas quais já passei nesses últimos anos de trabalho na educação infantil. E a maioria deles apresentava o selo do antigo Programa Nacional da Biblioteca na Escola, que em 2017 se fundiu ao Programa Nacional do Livro Didático, tornando-se apenas Programa Nacional do Livro Didático. Especialmente, no ano de 2019<sup>2</sup>, recebi uma caixa contendo alguns livros paradidáticos para a Educação Infantil. Todos os livros presentes na caixa vieram com o selo do Programa Nacional do Livro Didático. Diante deles, muitas questões surgiram e decidi que os analisaria para perceber como poderia utilizá-los como ferramenta para o desenvolvimento de uma educação antirracista.

É notório que vivemos em uma sociedade estruturalmente racista, como já citado anteriormente. Sendo assim, perceber as realidades diárias, principalmente no contexto da educação infantil, que é a primeira etapa da educação básica, se faz necessário. Ao longo de muitos anos perpetuou-se uma forma de trabalho encharcada de marcas racistas e depreciativas da população negra. As crianças negras dificilmente se viam representadas de forma positiva, fosse no próprio ambiente escolar, nas imagens em murais, por exemplo, ou em livros infantis. Munanga, na apresentação do livro “Superando o racismo na escola”, expôs essa situação:

[...] sabemos que nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais, carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituosos em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental. Os mesmos preconceitos permeiam também o cotidiano das relações sociais de alunos entre si e de alunos com professores no espaço escolar (MUNANGA, 2005, p.15).

---

<sup>2</sup> - E aqui falarei especialmente da escola onde atuo no momento, o Espaço de Desenvolvimento Infantil Felix Pacheco, localizada na zona norte do município do Rio de Janeiro.

Diante dessas percepções e marcas em que estamos inseridos, perceber e questionar os materiais com os quais nós, professores, e também as crianças, temos como auxiliares no processo de ensino aprendizagem - os livros (didáticos e/ou paradidáticos) - torna-se fundamental para que possamos ressignificar muitas práticas que ainda estão encharcadas de marcas racistas. Neste sentido, a presente pesquisa possui o objetivo geral de analisar livros paradidáticos infantis para investigar de que maneira a literatura infantil, ofertada pelo PNLD, pode contribuir para construção de referências para as crianças negras.

Com o intuito de atender ao objetivo estipulado, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Examinar os livros recebidos pelo PNLD de acordo com temas, enredos e imagens;
- Discutir as relações estabelecidas entre a literatura e os contextos reais, tendo em vista os estudantes periféricos;
- Identificar e discutir as presenças e ausências de referências negras na literatura infantil analisada;
- Apresentar algumas reflexões, experiências pessoais e títulos da literatura infantil do meu acervo pessoal.

Assim, a partir do objetivo proposto, tendo em vista que a nossa sociedade é grafocêntrica<sup>3</sup>, de modo que quase tudo ao nosso redor é relacionado à leitura e à escrita das palavras, emerge o seguinte questionamento: De que forma a literatura infantil pode contribuir para a construção de referências positivas para as crianças negras?

## **1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Diante do objetivo traçado para este trabalho, a fundamentação teórica se debruça sobre diversos autores que discutem as temáticas raciais, e também as definições de letramento que fizeram com que meu caminhar acadêmico possibilitasse uma prática pedagógica de chão da escola mais atenta e coerente com o contexto social ao qual estou inserida com meus alunos. As novas descobertas sobre as possibilidades de discussões sobre as leituras de mundo que me reconstruíram enquanto educadora serão expostas aqui de modo a embasar a pesquisa e tentar elucidar as questões da mesma.

### **1.1 PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO**

---

<sup>3</sup> Para Mortatti (2004), sociedades grafocêntricas são aquelas “sociedades organizadas em torno de um sistema de escrita e em que esta, sobretudo por meio do texto escrito e impresso, assume importância central na vida das pessoas e em suas relações com os outros e com o mundo em que vivem”.

Esta pesquisa ganha corpo justamente a partir da percepção e conhecimento de um programa de governo a nível nacional, inicialmente chamado de Programa Nacional da Biblioteca na Escola, criado em 1997, pelo Governo Federal, com o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura para alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, sendo ofertado de forma universal e gratuita a todas as escolas públicas brasileiras cadastradas no censo escolar.

Este programa foi sendo ampliado e modificado ao longo dos anos, mas só em 2008 a Educação Infantil passou a ser contemplada. Com o passar dos anos, e com a inclusão da Educação Infantil<sup>4</sup> como primeira etapa da educação básica, sendo a pré-escola etapa de matrícula obrigatória como direito da criança e dever da família assegurado pelo Estado, esta passou a ganhar mais notoriedade e com isso foi incluída no programa.

Esse Programa era especialmente destinado à distribuição de obras literárias, enquanto o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) destinava-se à distribuição de livros didáticos.

No entanto, há alguns anos, mais especificamente em julho de 2017, o Decreto nº 9.099:

“Unificou as ações de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, anteriormente contempladas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Com nova nomenclatura, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD também teve seu escopo ampliado com a possibilidade de inclusão de outros materiais de apoio à prática educativa para além das obras didáticas e literárias: obras pedagógicas, softwares e jogos educacionais, materiais de reforço e correção de fluxo, materiais de formação e materiais destinados à gestão escolar, entre outros” (BRASIL, 2017).

Sendo assim, atualmente, temos o PNLD como responsável, a nível nacional, pela distribuição desses materiais. O objetivo deste trabalho pauta-se, basicamente, sob a realidade de minha prática e os livros a serem analisados serão literaturas que recebi pela direção da escola para que pudesse utilizá-los com as crianças, da forma que quisesse, dentro do meu planejamento.

## 1.2 DEFINIÇÕES DE LETRAMENTO

---

<sup>4</sup> A escola é o ponto inicial e principal para o desenvolvimento pessoal e coletivo de milhares de crianças. Com isso, em 4 de abril de 2013 houve uma alteração na LDB, através da Lei nº 12.796, tornando a Educação Infantil a primeira etapa da Educação Básica, sendo obrigatória a matrícula de crianças de 4 e 5 anos. “Art. 6º – É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na Educação Básica a partir dos 4 (quatro) anos de idade” e obrigação do Estado ofertar vagas para essas crianças.

Ao dissertar neste trabalho sobre o uso de livros paradidáticos a fim de responder à questão que embasa esta pesquisa, torna-se necessário trazer à tona as discussões sobre algumas definições de letramento. Inicialmente trarei as críticas sobre letramento autônomo e ideias do modelo ideológico discutidos por Brian Street (2014).

Em síntese, podemos entender por Letramento autônomo como aquele praticado em escolas, com um padrão reducionista, na concepção da escrita como um produto completo em si mesmo, desvinculado de contextos. Uma redução para aspectos meramente técnicos, independente de contexto social. Diante disso, percebemos o quanto, segundo esta ideia, a instituição “escola” se expõe como detentora do saber. A adoção do modelo autônomo de letramento atribui ao próprio aluno um possível eventual fracasso, não cabendo à escola, assim, uma reformulação e ressignificação de suas próprias práticas. Sendo assim, se o indivíduo não aprende o sistema de escrita, isso está atrelado ao fato de pertencer ao grupo de pobres marginalizados. Além disso, o modelo autônomo de letramento não é capaz de atender às demandas das discussões sociais de pluralidade e diversidade e acaba por reduzir as marcas dos sujeitos, silenciando vozes.

Em contrapartida a este modelo, Street (2014) cita o modelo ideológico de letramento. Este não tem o objetivo de negar a habilidade técnica ou cognitiva da leitura e escrita, mas sim de entendê-las de forma a incluir as práticas sociais das relações entre culturas e estruturas da sociedade.

Street (2014) afirma que a palavra “*ideológico*” é utilizada justamente para marcar que, mesmo na ausência de posicionamento, nas marcas mais neutras das práticas ou discursos, há intencionalidade, há marcas ideológicas e, por isso, podemos afirmar que nenhum letramento é meramente autônomo. Com a marca da suposta “neutralidade” do letramento autônomo, torna-se evidente que há o silenciamento dos grupos marginalizados.

E apesar de emergirem outras denominações que chegam com o objetivo de o contrapor, será que nas práticas diárias reais, na escola ou fora dela, esses grupos ganham mesmo o espaço de fala ou continuam sendo silenciados de forma velada?

Quando uma criança negra não se reconhece, não se enxerga enquanto negra, por exemplo, enquanto crianças, essas mesmas, negras e pobres, não conseguem se ver representadas em diversos modos, seja em livros didáticos, literaturas infantis, nomes reconhecidos da arte, da música e etc, e continuam sendo silenciadas. E nos cabe, enquanto educadores, reconhecer a voz, o espaço, dar notoriedade e incentivar o engajamento dessas crianças, pois se nos determos a acreditar que nosso papel em sala de aula é basicamente aquele



exposto pelo modelo de letramento autônomo, reduziríamos nossa prática apenas como meros transmissores de saberes e estaríamos sendo omissos quanto a nossa responsabilidade social. Se não há voz, se há silenciamento, a construção da humanidade dá lugar à desumanização. Por isso precisamos quebrar mais e mais com esta lógica social. Crianças pobres e negras precisam e devem ser ouvidas. Para isso precisamos cada vez mais estudar sobre nosso passado, para entender nosso presente e ressignificar nosso futuro e a escola tem papel crucial nesse momento. Devemos reformular o espaço escolar institucional, o transformando em um lugar de trocas significativas.

A comunicação, necessária às relações que se estabelecem em quaisquer contextos e tempos, possui diferentes formatos, sendo a escrita um modo particular, criado pela humanos como resposta aos desafios cotidianos. Os primeiros registros escritos encontrados surgem da Pré-História, momento em que os povos começaram a desenhar em cavernas e paredes a céu aberto para narrar os acontecimentos e guardar informações, dentre outros, através das chamadas pinturas rupestres. Desde sua criação, a escrita se difundiu e ganhou o lugar de forma privilegiada de comunicação até os dias de hoje. Milhares de anos se passaram desde o início da utilização da comunicação sob a forma escrita, e enormes discussões e estudos foram feitos até a sistematização de processos que envolvam a temática das práticas de leitura e escrita, especialmente no que diz respeito a sua aprendizagem, nomeada especificamente de alfabetização.

Com isso, percebe-se o quanto adquirir o processo de leitura e escrita torna-se fundamental para a inserção do sujeito na sociedade. No entanto, o que temos percebido é uma grande quantidade de pessoas capazes de ler e escrever, mas incapazes de interpretar, e até mesmo fazer a leitura de mundo tão necessária para tratar de situações tão cotidianas.

Como exposto por Mortatti (2006) em suas pesquisas sobre a história dos métodos da alfabetização no Brasil, tivemos um longo percurso no qual métodos analíticos e sintéticos permearam as práticas pedagógicas. No entanto, especialmente a partir da década de 80, as discussões trazidas por Magda Soares se difundem no Brasil sobre letramento, tendo como premissa a ideia de “ler mesmo sem saber ler” como fundamental para as relações de aprendizado sobre a língua escrita.

Segundo Soares (2006), as práticas sociais de leitura e escrita foram ganhando mais e mais importância, principalmente com os avanços em nossa sociedade, à medida em que as relações sociais e profissionais foram se pautando e centralizando de forma dependente da língua escrita. Assim, surgiu um movimento que passou a adjetivar a alfabetização, onde o

termo “alfabetização funcional” foi incorporado ao repertório, gerando ampliações do significado da alfabetização de maneira que fosse compreendida da seguinte forma:

“Alfabetização não é apenas aprender a ler e escrever” e “alfabetizar é muito mais do que ensinar a codificar e decodificar”, e outras semelhantes. A insuficiência desses recursos para criar objetivos e procedimentos de ensino e de aprendizagem que efetivamente ampliassem o significado de alfabetização, alfabetizar e alfabetizado é que pode justificar o surgimento da palavra letramento, consequência da necessidade de destacar e claramente configurar, nomeando-os, comportamentos e práticas de uso sistema de escrita, em situações sociais em que a leitura e/ou a escrita estejam envolvidas” (SOARES, 2006, p.14).

Diante dessas novas discussões e realidade da nossa sociedade, emerge a necessidade de pesquisas e discussões que abarquem o contexto no qual a sociedade se encontrava inserida. A partir da segunda metade da década de 80 surge o termo letramento sob a ótica de um novo fenômeno que antes, mesmo se existia, não era nomeado como tal, sendo assim, tornou-se necessário nomeá-lo (SOARES 2006). Diante disso, novas pesquisas e desdobramentos sobre essa temática emergem e ao pensar em neste novo fenômeno chamado letramento podemos relacionar que:

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural - não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura - sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente (SOARES, 1998, p.3).

Com isso, se evidencia uma nova discussão acerca das temáticas de leitura e escrita. No entanto, a temática do letramento ganha ainda novos rumos e outras discussões, como ficarão evidenciados à frente, sobre o Letramento Racial crítico.

### 1.3. A TEORIA RACIAL CRÍTICA E O LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO

As discussões acerca da temática do letramento são inúmeras. Pude chegar a esta conclusão a partir das aulas do presente curso de Pós-Graduação. Inicialmente, meus estudos se debruçaram para o letramento escolar, exclusivamente. No entanto, nesta especialização, pude descobrir outras possibilidades para a temática, visto que até aquele momento possuía o entendimento de que letramento era algo associado apenas à leitura e a escrita. Entretanto, me deparei com o letramento matemático, o literário e o midiático, dentre outros, que muito me ajudaram a refletir acerca das realidades que me afetam atualmente, principalmente as relacionadas a questões raciais.

Pude evidenciar que o fenômeno do letramento vai para além do mundo da leitura e escrita especificamente. No entanto, uma das mais relevantes direções do letramento é a escola - Letramento Escolar - que se pauta especialmente em um caminho ligado paralelamente à alfabetização e à aquisição do código alfabético em um contexto individual de escolarização, determinando, ainda em linhas gerais, que quando ocorre fracasso, este se direciona exclusivamente ao indivíduo. Mas, ainda que a relação do letramento com a alfabetização seja a mais comum, as premissas apresentadas pelas definições do termo trazem à tona possibilidades de que o indivíduo letrado seja capaz de desenvolver atitudes críticas que podem ou não estar ligadas não só à escolaridade, mas também ao mundo ao seu redor.

A educação pautada sobre a perspectiva do letramento supõe demandar uma percepção crítica sobre as competências que foram adquiridas, expondo questionamentos e criticidade sobre temáticas abordadas com o objetivo de intervenção ou mudança social.

Há algum tempo, minha prioridade de pesquisa e estudo se destinou a percepções que antes eram nulas. Ao começar a lecionar na rede municipal de ensino, tanto na do Município Duque de Caxias como, atualmente, no Município do Rio de Janeiro, com crianças pequenas, pude perceber que a maioria delas eram/são negras, mas mesmo assim as referências apresentadas/expostas em todo espaço escolar eram, basicamente, eurocentradas<sup>5</sup>.

Com isso, ao fazer questionamentos sobre o ambiente à minha volta, às práticas racistas enraizadas e à falta de representatividade para aquelas crianças, além da urgência de por em prática a Lei nº 10.639/03 promulgada há tantos anos, e que ainda hoje vemos tão pouco dela sendo desenvolvida nos espaços escolares, mergulhei em um universo antes desconhecido por mim: o chamado Letramento Racial Crítico.

Apresento aqui o Letramento Racial Crítico, que é um conceito de percepções e práticas diretamente relacionadas às questões raciais e suas influências:

[...] para termos uma sociedade mais justa e igualitária, temos que mobilizar todas as identidades, ou seja, a identidade racial branca e a identidade racial negra para refletir sobre raça, racismo e possíveis formas de letramento racial crítico no contexto escolar em todas as disciplinas do currículo escolar (FERREIRA, 2015, p.36).

Assim, é possível afirmar que os debates raciais devem estar presentes na Educação Infantil não apenas com o intuito de agregar representatividade positiva para as crianças negras, mas também com o objetivo de reverter a lógica racista na qual as instituições – neste caso, a escola - contribui para a construção de um imaginário negativo acerca da população negra.

---

<sup>5</sup> Estabelecem de forma velada a cultura ocidental como a correta e predominante por natureza.

Traçando um paralelo com a literatura infantil, podemos pensar sobre a quantidade de princesas e príncipes brancos que permearam a nossa infância, em detrimento da escassez de princesas e príncipes negros, fato que, inconscientemente ou não, contribui para construção do nosso imaginário sobre o que é belo.

Neste sentido, a autora Neide A. de Almeida (2017) afirma que:

[...] o letramento racial está relacionado principalmente com a necessidade de desconstruir formas de pensar e agir que foram naturalizadas. Se não admitirmos que nossa sociedade é organizada a partir de uma perspectiva eurocêntrica e orientada pela lógica do privilégio do branco, trabalharemos com uma falsa e insustentável ideia de igualdade, porque o racismo é estrutural e institucional. (Portal Geledés. 2017)

Sendo assim, quando a escola não assume uma postura antirracista, contribui para a manutenção do sistema de poder e opressão presente na sociedade, onde ao branco é reservado o privilégio, e ao negro a subalternização.

De modo a subsidiar teoricamente as discussões sobre Letramento Racial Crítico é necessário contextualizar a temática com as abordagens da Teoria Racial Crítica. Esta teoria veio ganhando espaço no campo educacional recentemente no Brasil e em outros países. Segundo Tate (1997), (apud Aparecida de Jesus Ferreira, 2015, p. 242-245) há cinco princípios fundamentais que definem a Teoria Racial Crítica. Mas há uma versão mais atual para esses princípios adaptada por Milner e Howard (2013), citando Solorzano (1997) (apud Aparecida de Jesus Ferreira, 2015, p. 242-245)

1. A intercentricidade de raça e racismo;
2. O desafio à ideologia dominante;
3. O compromisso com a justiça social;
4. A perspectiva interdisciplinar;

Sendo o enfoque principal deste trabalho no princípio de número 5. Segundo Ferreira (2015) “[...]A centralidade do conhecimento experiencial, pois é esse princípio que traz as narrativas, as contranarrativas e as autobiografias como importantes para analisar as experiências vividas sobre raça e racismo.”

Assim como Ferreira (2014) utilizou para sua pesquisa o princípio número 5, também evidencio que este é o princípio que pode basear e dar conta de auxiliar nos estudos de minha atual pesquisa. Principalmente pelo fato de que, apesar de não tratar de narrativas autobiográficas, as literaturas infantis, como já citado neste texto, fazem parte de um dos principais meios utilizados na primeira etapa da educação básica para explorar o imaginário infantil, e também para construir referências para os pequenos. Sendo assim, a Teoria Racial

Crítica torna-se uma possibilidade “[...] intelectual e social para a desconstrução, reconstrução e construção: desconstrução das estruturas e discursos opressivos, reconstrução da agência humana e construção da equidade e relações de poder socialmente justas” (FERRERIRA, 2015, p.244 apud LADSON-BILLINGS, 1998, p.9).

O contexto da teoria racial crítica nos embasa e dá suporte para as definições e usos do termo “letramento racial crítico”. As definições da teoria nos ajudam a entender as necessidades de atenção às práticas diárias para a efetivação de um verdadeiro letramento racial crítico. É necessário entendermos o contexto racial se de fato quisermos uma sociedade justa e igual, mobilizando as identidades tanto de brancos quanto de negros para uma maior reflexão sobre os conceitos de raça e racismo, de modo a conseguir realizar um trabalho crítico no contexto escolar.

Com o entendimento do Letramento Racial Crítico, poderíamos ter professores atentos “[...] colaborando para a formação de identidades raciais negra e branca e também de todos os segmentos raciais no contexto da escola tenham orgulho do seu pertencimento racial e entendam como o racismo está estruturado na sociedade e saibam como agir para construir uma sociedade justa e igualitária” (FERREIRA, 2014, p. 255).

Cabe ressaltar que a concepção de identidade utilizada na presente investigação é pautada nos estudos de Stuart Hall (2006) que traz uma definição pautada no processo histórico que a envolve, e não por uma imposição biológica. Segundo Hall (2006), os sujeitos apresentam diferenças históricas, culturais e sociais das quais vivem em determinado momento em seus diálogos com as identidades. Com isso, as discussões do autor trazem três concepções de identidade, que apesar de terem alguma correlação entre si, se diferenciam de maneira geral: Concepção de identidade do sujeito iluminista, Concepção de identidade do sujeito sociológico e Concepção de identidade do sujeito pós-moderno. Este último é aquele que irei me pautar para pensar nas relações das crianças com as literaturas e a construção de suas identidades.

Ainda segundo Hall (2006), o sujeito assume identidades diferenciadas em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Pensar a concepção do sujeito pós-moderno auxilia a relacionar a ideia de que isto está totalmente atrelado a nossa realidade, pois estamos inseridos em uma sociedade que se apresenta em constante mudança e transformação, influenciando assim diretamente na construção da identidade das pessoas.

Diante dessas definições ampliadas e contextualizadas acerca da temática dos letramentos, é possível significarmos esta pesquisa que, para além de inquietações particulares, também traz em seu bojo a necessidade atual de discussões sobre a temática para que possamos nos tornar cada vez mais profissionais engajados por uma educação antirracista.

### 1.3.1 PRÁTICA DOCENTE E A LITERATURA INFANTIL: EXPERIÊNCIAS PESSOAIS

Durante o ensino básico, me recorro de ter tido contato com títulos da literatura infantil, porém sempre com os ditos livros “clássicos”, tais como: Pequena Sereia, Rapunzel e Branca de Neve, dentre outros. Cabe ressaltar que os títulos citados são os que mais me marcaram na infância, que todos possuem protagonistas brancas e que não tive contato, ou não me recorro de ter tido, com livros com protagonistas negros no ensino básico.

A relação com esses “clássicos” na escola transbordou para minha casa, tendo em vista que passei a solicitar esses títulos como presentes, e até mesmo tive a “Pequena Sereia” como tema da minha festa de 4 anos. Na ocasião, me vesti de Pequena Sereia, com fantasia e inclusive caracterização do cabelo, que foi escovado para garantir a semelhança com a personagem. Assim, esses personagens se tornaram uma referência para mim. Neste sentido, é possível afirmar que, enquanto criança negra, não tive personagens negras como referência e, de algum modo, busquei me identificar, até mesmo fisicamente, com a personagem fantástica branca.

Há algum tempo já atuando na rede pública de ensino, repensar minha prática sempre foi algo extremamente necessário para a realização de um trabalho cada vez mais coerente. Como já citado neste texto, no decorrer de pesquisas e novas participações em formações continuadas, me vi modificando pensamentos e práticas através de percepções que adquiri. A partir do momento em que comecei a “me letrar racialmente” - até antes mesmo de conhecer o termo *letramento racial crítico* - onde diversas percepções antes não vistas e não faladas foram ganhando espaço e forma para serem observadas e debatidas. Com isso, meu trabalho com as crianças pequenas também se modificava. Passei a estar muito mais atenta ao ambiente que me cercava, aos materiais a que tínhamos acesso e às falas dos profissionais que trabalhavam no espaço escolar.

Atualmente, enquanto professora que atua na Educação Infantil e que reconhece a importância de referências negras no espaço escolar, procuro utilizar em minha prática livros que trazem personagens negros como protagonistas. Assim, citarei aqui dois dos títulos que utilizo para exemplificar: “Crespo de Rainha”, da autora bell hooks; e “Sinto o que eu sinto”, do autor Lázaro Ramos.

“Sinto o que sinto e a incrível história de Asta e Jaser”, escrito por Lázaro Ramos e ilustrado por Ana Maria Sena, traz a história de Dan, um menino negro que durante todo o seu dia a dia passa por situações nas quais expõe seus sentimentos, de modo a transmitir para aquele que lê o quão importante e necessário é nomear as emoções, até mesmo para conseguir lidar com elas. O livro traz a importância de encararmos, nomearmos e aprendermos a lidar com os sentimentos e isso é exposto de forma bem leve através da rotina dos personagens em suas relações na escola e com sua família.

Além disso, também há a presença de um resgate da ancestralidade da família através de uma história que o avô do personagem contou, que se passava em um lugar do continente africano há anos. Grande parte dos personagens da história são negros e ao final o autor traz ainda algumas definições acerca de curiosidades sobre o local onde se passa a história, que Dan descobre ser de seu tataravô. Outra coisa interessante é que também há uma pequena autobiografia do autor e da ilustradora, acompanhado da ilustração de cada um deles, ambas pessoas negras de pele retinta, o que, por si só, agrega positivamente à construção do imaginário das crianças acerca da população negra, já que é uma representação de duas pessoas pretas em posição de destaque.

Essa literatura, além de trazer uma temática extremamente importante para o público não só da educação infantil, onde normalmente é a etapa onde começamos a criar noções de refletir sobre nossos sentimentos, também traz uma enorme representatividade ao ter grande parte de seus personagens negros. Além disso, o resgate da ancestralidade, onde o avô do personagem conta um pouco do passado de sua família, carrega possibilidades inúmeras para trabalhar questões relacionadas à identidade.

Já o livro “Meu crespo é de rainha”, da autora bell hooks e ilustrado por Chris Raschka, explora de maneira sutil e leva questões relacionadas à autoestima no trato com o cabelo de inúmeras meninas negras de cabelo crespo, enrolado ou ondulado que são representadas ao longo do livro. Com um texto rimado e cheio de comparações carinhosas recheadas de sentimentos, dando muita leveza e acalento na leitura, o livro traz possibilidades de modelos de penteados e de como os cabelos poderiam ser versáteis se utilizados de forma com que cada menina se sinta empoderada.

Ademais, o livro deixa claro a força de um cabelo crespo, o associando com uma coroa de rainha. Esta literatura é extremamente necessária para ser explorada na educação infantil, principalmente pela grande representatividade que ela traz acerca do cabelo natural de muitas meninas, que por muito tempo não se viam representadas em nenhum tipo de exposição, seja

mediática ou em situações básicas do dia a dia. O livro é potente, inspirador e possibilita inúmeras aprendizagens. A autora, uma mulher negra, estadunidense, grande teórica feminista, artista e ativista antirracista, já publicou mais de 30 livros.

Vale salientar que os livros citados fazem parte do meu acervo pessoal e foram comprados com recursos próprios, uma vez que esses títulos não são oferecidos pela escola. Ademais, cabe ressaltar, que a utilização de livros como esses não configura ações pontuais como exclusivamente no “dia da consciência negra”, mas sim utilização diária nos planejamentos semanais.

## **2. METODOLOGIA DA PESQUISA**

Levando em consideração o objetivo de analisar os livros paradidáticos recebidos pelo PNL D, a presente pesquisa é classificada como análise bibliográfica e documental possuindo viés qualitativo envolvendo uma abordagem interpretativa, que segundo Morgan (2007) compreende uma visão do mundo social como possuidor de “uma situação ontológica duvidosa e que o que se passa como realidade social não existe em qualquer sentido concreto, mas é um produto da experiência subjetiva e intersubjetiva dos indivíduos”. Para Junior (2021), a análise bibliográfica que é aquela que “corresponde a uma modalidade de estudo e de análise de documentos de domínio científico, sendo sua finalidade o contato direto com documentos relativos ao tema em estudo que já tenha recebido tratamento analítico”, uma vez que os livros serão explorados à luz da revisão bibliográfica de autores que me auxiliaram a pensar a temática racial e embasar as análises. Já a análise documental, conforme expressa Sá Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 5), “[...] um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos”. Além disso, todo o incômodo inicial que me fez pensar em escrever este texto parte das minhas vivências pessoais enquanto educadora e, sendo assim, nada mais urgente para se pesquisar. Segundo Gatti (2002), ao pontuarmos que o objetivo de uma pesquisa é adquirirmos conhecimentos, a autora nos assegura que o interesse de pesquisar nasce a partir de inquietações:

Pesquisa é o ato pelo qual procuramos obter conhecimento sobre alguma coisa [...]. Contudo, num sentido mais estrito, visando a criação de um corpo de conhecimentos sobre um certo assunto, o ato de pesquisar deve apresentar características específicas. Não buscamos, com ele, qualquer conhecimento, mas um conhecimento que ultrapasse nosso entendimento imediato na explicação ou na compreensão da realidade que observamos (GATTI, 2002, p. 9-10).



Sendo assim, compreende-se que toda pesquisa visa produzir novos conhecimentos a partir daquilo que observamos na práxis, fazendo relações entre as práticas vividas com a necessidade de se pesquisar.

Como já citado neste texto há, claramente, importância e uso fundamental de literaturas no universo da infância para, não só possibilitar o imaginário e o jogo simbólico, mas também a observação daquilo que pode ser representativo para os pequenos. A linha entre a necessidade de possibilitar a imaginação, mas também de representar as realidades individuais e coletivas, é tênue. Na mesma medida em que podemos possibilitar a imaginação, se faz necessário termos materiais didáticos e paradidáticos condizentes com a realidade e o cotidiano dos alunos. Neste sentido, precisamos refletir sobre os materiais que recebemos e perceber as possibilidades e/ou lacunas presentes ao utilizá-los. Sendo assim, falando exclusivamente dos livros recebidos por mim, me coloco aqui como pesquisadora com olhar atento à minha própria prática.

Ao pensar nas histórias e narrativas trazidas pelas análises desses livros, é importante subsidiar as observações com as discussões abarcadas pela Teoria Racial Crítica - Critical Race Theory - na qual Ferreira (2014) também se apoia: “[...]a Teoria Racial Crítica tem algumas especificidades na sua abordagem que têm contribuído para discutir raça e racismo, contribuição essa que vem sendo demonstrada pelas várias pesquisas que a utilizam para a abordagem de suas pesquisas.”

Com as pautas das discussões sobre raça e racismo ganhando espaço e notoriedade no campo educacional diante da pesquisa de alguns autores - já citados neste texto - políticas públicas são criadas, dentre eles a criação do PNLD, que ainda segundo Ferreira (2014): “[...] há considerações de que o livro didático não pode veicular racismo, preconceito e discriminação”.

Sendo assim, a presente pesquisa ganha força, pois ao analisar as literaturas recebidas conseguirei contribuir para as percepções acerca dos letramentos raciais críticos e a forma como isso pode impactar na construção de referências de crianças negras. Com isso, é fundamental buscar uma base teórica que abarque a temática de forma direta e coerente. Em decorrência, a escolha da Teoria Racial Crítica se justifica como o viés de pesquisa a ser usado.

Para analisar as literaturas, assim como Ferreira (2014), utilizarei como base o 5º princípio fundamental da teoria, que trata especialmente das narrativas e experiências. Nas pesquisas de Ferreira, ela utilizou as próprias narrativas de pessoas negras para suas análises. Já nesta pesquisa, perceberei, a partir das narrativas das literaturas, possibilidades a partir do

letramento racial crítico e quais silenciamentos e/ou apagamentos que estas histórias podem apresentar.

Deter-me-ei aqui a falar especialmente das observações acerca dos materiais didáticos e paradidáticos, especialmente as literaturas oferecidas para crianças em fase pré-escolar. Para este trabalho, analisei um total de 15 títulos, disponibilizados pela direção da escola e com a marca do PNLD, conforme quadro a seguir:

Quadro 1. Títulos com a marca do PNLD disponibilizados pela direção.

	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTORES</b>	<b>EDITORA</b>
<b>1</b>	E você	Rosinha	Jujuba Editora
<b>2</b>	Medo	Clara Gavilan	Quatro Cantos
<b>3</b>	Bom dia, todas as cores!	Ruth Rocha	Richmond Educação
<b>4</b>	Blim blão!	Alessandra Pontes Roscoe	Canguru
<b>5</b>	O búfalo que só queria ficar abraçado	Thais Laham Morello	Carochinha
<b>6</b>	Diga um verso bem bonito!	Organizadores: Maria José Nobrega e Rosane Pamplona	Salamandra
<b>7</b>	Bola vermelha	Vanina Starkoff	Pulo do Gato
<b>8</b>	Elmes, o elefante xadrez	David Mckee	WMF Martins Fontes
<b>9</b>	O jardim de cada um	Nye Ribeiro	Papyrus
<b>10</b>	Onde você mora?	Silvana Tavano e Carla Caruso	Ô Zé
<b>11</b>	Ambrósio sumiu!	Graziela Hetzel	DCL
<b>12</b>	Deu zebra no ABC	Fernando Vilela	Pulo do gato
<b>13</b>	Lar é onde mora o coração	Heidi Howarth	Happy books
<b>14</b>	A verdade sobre as sereias	Fita Fratini	Sopa de Letrinhas
<b>15</b>	Mas papais...	Mathieu Lavoie	Jujuba

Fonte: A autora (2021)

Deste modo, o principal questionamento que foi levantado ao perceber o material que estava em minhas mãos foi: De que maneira a temática racial aparece ou não nos livros? Existe representatividade negra nesses títulos? De que forma?

## 2.1 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Partindo do objetivo proposto, foram elencadas as seguintes etapas para análise:

**Etapa 1:** Análise inicial, verificou-se a existência de personagens e autores negros nas imagens

Nesta etapa, as ilustrações presentes nos títulos foram analisadas com olhar atento, não apenas a cor da pele dos personagens, mas a forma com que estes estão sendo representados, inclusive a existência de aspectos caricatos nas representações. Além disso, foi realizada uma busca por imagens dos autores, dos títulos em que a foto do autor não está presente, no site de busca Google, com o intuito de verificar a raça a qual pertencem.

**Etapa 2:** Apresentação de resumos das histórias

Nesta fase as histórias foram integralmente lidas e foi feito um breve resumo de cada uma delas com o intuito de apresentá-las ao leitor.

**Etapa 3:** Análise do contexto em que se passam os enredos da história: proximidades e afastamentos da realidade e possíveis interpretações do fantástico

A terceira etapa apresenta a análise do contexto e enredo dos títulos relacionados. Para isso, estes foram interpretados de maneira que fossem verificadas as representações e distanciamentos do real x fantástico. E, nos casos em que os títulos apresentassem ausência de conexão com o real, foram lançado um olhar aprofundado sobre as ausências, com o intuito de apresentar relação/conexão entre imagético e lúdico com a realidade e as memórias infantis.

**Etapa 4:** Verificar e analisar ausências e presenças de discussões acerca das relações étnico-raciais

Nesta fase foram observadas a existência, ou não, de possibilidades para discussões sobre as relações étnico-raciais. E, nos casos em que o tema é presente no livro, foram analisadas quais possíveis discussões podem ser fomentadas a partir dele.

### 3. ANÁLISE DOS DADOS

Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de analisar os livros ofertados pelo PNLD recebidos por mim para a utilização com uma turma de pré-escola no Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) no qual trabalho. Há algum tempo já atuando na rede pública de ensino, repensar minha prática sempre foi algo extremamente necessário para a realização de um trabalho cada vez mais coerente.

Assim, esta análise será pautada nas minhas experiências profissionais e pessoais e na fundamentação teórica apresentada. Deste modo, as seções seguintes apresentam as discussões e reflexões acerca do material analisado, de acordo com as etapas definidas no capítulo anterior.

#### 3.1 ANÁLISE INICIAL: VERIFICANDO A EXISTÊNCIA DE PERSONAGENS E AUTORES NEGROS NAS IMAGENS

Ao dar uma breve folheada nos livros recebidos, já me deparei com a quase total escassez de diversidade racial (tons de peles) dos personagens. Numa análise mais aprofundada, também pude concluir que a temática racial não é tratada em nenhum deles. Isso me causou uma grande surpresa, levando em conta que temos a Lei nº 10639/03 com a obrigatoriedade do ensino da “História e cultura Afrobrasileira”.

Assim, ao realizar busca simples pelos autores dos livros mencionados no quadro 1, constatei que todos os autores são brancos, sendo 12 mulheres, uma delas estrangeira, e 3 homens, dois deles estrangeiros. Deste modo, verifiquei a ausência de autores negros na seleção recebida, o que, na minha visão, é extremamente problemático, tendo em vista que na educação infantil costumamos abordar os autores com as crianças, e, neste caso existem apenas pessoas brancas nesta posição de destaque.

Neste sentido, percebemos que o momento de contação de histórias auxilia na construção e significação de saberes já existente e novos outros. Vale ressaltar também que, como forma de mostrar aos alunos a importância do trabalho dos autores que escrevem os livros, é comum compartilharmos com as crianças o nome dos autores e em muitos livros infantis há uma pequena biografia, algumas até mesmo com foto dos autores. Ao analisar que dentre os livros recebidos não há um autor negro sequer isso nos pontua uma grande problemática. O lugar de destaque daquela pessoa que criou uma história não foi representado em nenhum dos

livros por uma pessoa negra. Sendo assim, crianças negras, mais uma vez não estariam se vendo representadas.

### 3.2 APRESENTAÇÃO DE RESUMOS DE HISTÓRIAS

Nesta sessão constam os 15 livros, com um quadro sintetizando informações sobre as imagens, temas e enredos envolvidos, assim como um breve resumo das histórias, com seus respectivos autores e editoras. Os resumos são sucintos e objetivos de modo a expor uma ideia geral sobre aquela literatura:

Quadro 2 – Síntese de imagens, temas e enredos apresentados

	<b>TÍTULO</b>	<b>IMAGENS</b>	<b>TEMA E ENREDO</b>
<b>1</b>	E você	Criança protagonista cor de rosa, associada ao branco	Contexto rural, de contagem de animais
<b>2</b>	Medo	Animais (sem identificação racial)	Superação do medo, representado por uma sombra preta
<b>3</b>	Bom dia, todas as cores!	Animais com diversas cores	Mudança de “cor” do camaleão, devido ao gosto alheio
<b>4</b>	Blim blão!	Menino protagonista de cor clara	Relaciona cores e animais
<b>5</b>	O búfalo que só queria ficar abraçado	Búfalo de cor cinza	Personagem inseguro, que recebe da mãe um "patuá" para se sentir protegido
<b>6</b>	Diga um verso bem bonito!	Diversas, relacionadas aos temas dos versos	Versos e rimas populares
<b>7</b>	Bola vermelha	Menino protagonista preto (lábios grossos, cabelo crespo, de pele preta)	Encontra uma bola misteriosa
<b>8</b>	Elmes, o elefante xadrez	Elefantes coloridos Principal: Elefante com cor diferente	Elefante discriminado por ter cor diferente Por fim, todos terminam colorindo-se com diferentes cores
<b>9</b>	O jardim de cada um	Neta e avó brancas Principal: Avó	Avó sobrecarregada e ligada à natureza
<b>10</b>	Onde você mora?	10 personagens: 8 brancos, 2 negros	São mostrados onde moram e o que sonham os personagens

			Livro imagético, onde cada personagem expressa onde mora ou gostaria
			Não há cor/moradia
11	Ambrósio sumiu!	Menino branco e pessoas brancas	Procura o animal de estimação que sumiu
12	Deu zebra no ABC	Animais	Animais tendo ações uns com os outros, como por exemplo um camelo que comeu a couve do dromedário
13	Lar é onde mora o coração	Animais selvagens e robô	Animais julgam o robô por ser diferente, se arrependem e o acolhem
14	A verdade sobre as sereias	Sereias brancas	Onde e como vivem as sereias brancas
15	Mas papais...	Macacos	Pai que fazia as vontades dos filhos

Fonte: A autora (2021)

### 01. E você? - Rosinha - Jujuba editora

Esta literatura apresenta como enredo uma criança, apresentada como um personagem com o tom de pele ligado à tonalidade rosa que, ao abrir a janela, supostamente de sua casa, consegue ver com seus “olhinhos” muitos animais. A cada cena ela vai dizendo o que consegue ver - mantendo uma sequência de quantidade do 1 ao 10 - com as percepções sobre o que cada animal está fazendo. No final, vem o questionamento: e você? O que vê com seus olhinhos? Os animais da história são apresentados com tons de cores bem coloridos e diversos e as imagens retratam muitos animais juntos em cada cena.

### 02. Medo – Clara Gavilan – Editora Quatro Cantos

Esta literatura é um livro imagem. Apresenta como enredo um animal, que parece esteticamente com um porco, e um outro animal que se parece esteticamente com um pinto. Eles estão juntos e se deparam com algo, que se parece com uma sombra que ganha forma e feições de maldade. Esta sombra é representada pela cor preta e parece ir na direção dos outros personagens, de modo a assustá-los. No entanto, apesar das feições de medo, eles se esforçam para superar o medo e com isso a sombra vai embora e se esconde. A estética do livro apresenta poucos detalhes e poucas cores. Algumas cenas apresentam onomatopeias.

### 03. Bom dia, todas as cores! - Ruth Rocha - Richmond Educação

Esta literatura apresenta um enredo com todos os personagens animais. Uma história recheada de rimas e com uma suposta lição, assim como nas fábulas. O personagem principal era o camaleão que mudava de cor a cada opinião dada por outros animais que cruzam o seu caminho. Com isso, ele deixava de lado sua vontade própria para agradar a de outros. No entanto, após uma reflexão, ele percebeu que deveria fazer aquilo que mais lhe agradasse para ser feliz. A estética visual do livro apresenta muitas cores e imagens que chamam bastante atenção por conta dos detalhes.

#### **04. Blim blão! - Alessandra Pontes Roscoe – Canguru**

Este livro é inspirado em uma cantiga popular e com isso apresenta muitas rimas. O personagem principal é apresentado como um garotinho de tom de pele clara que no decorrer da história usa a sua imaginação fazendo relações entre cores e animais. A estética visual do livro apresenta muitas cores e também muitos animais com detalhes ricos.

#### **05. O búfalo que só queria ficar abraçado - Thais Laham Morello – Carochinha**

No livro em questão é contada a história de um pequeno búfalo (apresentado através de um desenho no tom azul marinho/preto) que gostava de estar abraçado. No decorrer da história, são apresentadas diversas situações em que o animal se sentia inseguro caso estivesse longe de sua mãe. Esta, por sua vez, teve a ideia de dar a ele um cordão para que ele pudesse se sentir mais seguro por onde fosse. O enredo apresenta questões relacionadas a crescimento, confiança, amor e cuidado. Além do búfalo e sua mãe, há a presença de outros animais que aparecem ilustrados, porém não citados (macaco, gambá e pintinho). As ilustrações são simples e expõem as situações pelas quais o búfalo passa, como passeio na floresta, ida à escola, momento de ir dormir e recebimento do cordão pela mãe.

#### **06. Diga um verso bem bonito! - Organizadores: Maria José Nobrega e Rosane Pamplona – Salamandra**

Este livro é um conjunto de versos e cantigas populares. Em quase todas as páginas há em torno de três versos separados por uma pequena ilustração entre eles, ilustração essa simples, mas que remete a alguma coisa relacionada àquele verso. Apesar das ilustrações serem simples, as páginas se apresentam bastante coloridas.

#### **07. Bola vermelha - Vanina Starkoff - Pulo do Gato**

Este é um livro imagem e tem em seu enredo um personagem que é apresentado pela cor preta, com um cabelo volumoso com formato de semicírculo e lábios grandes, formando uma representação caricata de um menino negro, reforçando estereótipos. Este personagem aparece retirando frutas de uma árvore e quando se encaminha com seu cesto, se depara com uma bola vermelha. Todo o livro apresenta imagens em preto, branco e vermelho. No decorrer aparecem onomatopeias para expressar algumas situações. O personagem vai se encaminhando e percebendo as possibilidades para aquela bola: seria ela uma fruta que caiu no pé de uma árvore? Ou que caíram dos cestos de umas mulheres que ali passavam? Estas também representadas com o tom da pele preta e com o formato do cabelo semelhante ao do personagem principal. Além desses exemplos, o personagem segue seu caminho buscando outras possibilidades para descobrir de onde apareceu aquela bola vermelha.

#### **08. Elmes, o elefante xadrez - David Mckee - WMF Martins Fontes**

Este livro conta a história de um elefante que era diferente de todos os outros à sua volta. Ele tinha várias cores e também era xadrez, diferente de todos os outros elefantes, que eram cinza. Apesar de todos serem diferentes de algum jeito, fossem jovens, velhos, altos, magros, o único que se distinguia de cor era o Elmer, que sempre divertia todos a sua volta, mas estava cansado de ser o único com a cor diferente. Com isso fugiu e achou um arbusto com frutas “cor de elefante” e utilizou as frutas para pintar seu corpo. Ao voltar ao grupo de elefantes, Elmer percebeu que todos estavam muito quietos e nenhum deles reparou. Aquilo estava parecendo muito esquisito para ele, até que então ele deu uma gargalhada bem forte e todos perceberam sua identidade. Com isso, uma nuvem trouxe a chuva e a cor pintada de Elmer se foi e eles perceberam que Elmer havia pregado uma peça neles. Com isso, caíram na gargalhada e definiram aquele dia como o dia do Elmer, onde todos os elefantes deveriam se pintar de cores coloridas e o que estivesse com cores diferentes, seria o Elmer.

#### **09. O jardim de cada um - Nye Ribeiro – Papyrus**

Esta história trata de um enredo que fala sobre sentimentos. É apresentado sob a forma de uma senhora, esteticamente representada como uma mulher de pele clara, cabelos brancos e lisos e uso de óculos. A história é narrada por sua neta que apresenta o dia de sua avó e resolve entender o porquê que ela se mostra sempre muito feliz nos afazeres diários domésticos. A história se passa na maior parte em um local que parece o quintal de uma casa com bastantes detalhes de natureza sendo expostos a cada página. Fica explícito que a Vovó Clara -



personagem central da história - dava conta de cuidar o jardim, lavar as roupas de todos os familiares e, para além disso, há uma alusão a também lavar coisas negativas suportadas por ela de cada membro da família, fossem: birra, braveza ou mau humor, entre outros. Vovó Clara supostamente utilizava da energia da natureza para realizar todas as tarefas com felicidade. Toda essa observação foi feita e narrada por sua neta, também representada por uma personagem de tom de pele clara e cabelos lisos e escuros.

#### **10. Onde você mora? - Silvana Tavano e Carla Caruso - Ô Zé**

A história faz um questionamento: “onde você mora?”, e com isso, vários personagens aparecem. Esses personagens são crianças, um total de 10, 1 cachorro e 1 criança que ainda está na barriga de sua mãe. 8 dessas crianças são apresentadas por personagens de tons de pele claras e 2 deles são personagens negros, um deles, uma menina com cabelos crespos. Cada criança aparece, assim como onde ela mora. No decorrer da história, o lugar apresentado por cada resposta representa um pouco do sonho e da imaginação de cada criança. Tem criança que através do desenho podemos perceber que supostamente mora dentro de seu sonho em um foguete, outra dentro das histórias de seus livros, outro na casa de seu melhor amigo (um cachorro), outro dentro de um abraço. E ao final do livro o questionamento ao leitor: onde você mora?

#### **11. Ambrósio sumiu! - Graziela Hetzel – DCL**

Esta história é apresentada através de um menino, de pele clara, que procura por Ambrósio, sua aranha de estimação. No decorrer da história ele procura em diversos lugares e pergunta a diversas pessoas de sua família. Essas outras pessoas que aparecem são representadas só pela parte de baixo dos seus corpos, mas fica evidente que o tom de pele deles é claro, assim como o do menino que procura pela aranha. A cada página do livro o menino procura pelo paradeiro de sua aranha e muitos objetos e brinquedos aparecem. A cada informação dada por um adulto, a imagem representa a aranha fazendo aquilo que supostamente disseram. Até que finalmente Ambrósio é achado brincando alguns brinquedos do menino.

#### **12. Deu zebra no ABC - Fernando Vilela - Pulo do gato**

Esta literatura apresenta uma sequência de frases onde cada animal vai realizando algo com outro e propositalmente os nomes dos animais estão colocados em ordem alfabética. As imagens são bem coloridas e apresentam uma estética dos desenhos bem rica de detalhes. Ao

final do livro, o autor expôs o nome de todos os animais que, mesmo sem citação, aparecem desenhados nas páginas.

### **13. Lar é onde mora o coração - Heidi Howarth - Happy books**

Este livro conta a história de um robzinho que acordou, aparentemente depois de muito tempo dormindo, machucado e fraco. Os animais da floresta tinham medo de acordá-lo, mas só ele poderia ajudá-los a consertar uma rachadura na represa que colocaria toda a floresta que eles viviam em risco. O desenrolar da história tem a ver com uma possível falta de sentimentos que robôs apresentam e por isso o medo dos animais que ele pudesse fazer algum mal. No entanto o robô se mostrou solícito e ajudou com o conserto e após isso, mostrou-se muito feliz com o lugar que estava vivendo com aqueles animais. No entanto, diante de tanta insegurança dos animais, o robzinho partiu. Os animais perceberam que era muito injusto pensar daquela maneira sobre o robzinho, pois ele sempre se mostrou muito bom com todos. Com isso, eles foram em busca dele e ao encontrá-lo perceberam que até ele, mesmo sendo robô, apresentava sentimentos. As imagens são ricas e bem coloridas, apresentando muitos detalhes dos animais e do ambiente em que eles estavam.

### **14. A verdade sobre as sereias - Fita Fratini - Sopa de Letrinhas**

Este livro apresenta uma possível história contada sobre sereias. Explica quem são, onde vivem e o que fazem. As imagens apresentam mulheres que têm metade corpo de peixe e metade de mulher. São representadas por desenhos de mulheres com a pele clara, cabelos lisos e coloridos, na maioria das vezes com a predominância de tons rosados.

### **15. Mas papai... - Mathieu Lavoie – Jujuba**

Este livro apresenta animais (macacos) como personagens e vai contando uma série de situações nas quais os filhos vão fazendo pedidos ao seu pai após ele desejar boa noite. Os macaquinhos vão dizendo ao pai cada coisa que ele deve fazer, ou lembrando algo que ele havia esquecido para que a noite de sono ocorresse. Com isso, elementos vão entrando nas imagens que se seguem, formando uma estética mais completa em cada cena.

### 3.3 ANÁLISE DO CONTEXTO EM QUE SE PASSAM OS ENREDOS DAS HISTÓRIAS: PROXIMIDADES E AFASTAMENTOS DA REALIDADE E POSSÍVEIS INTERPRETAÇÕES DO FANTÁSTICO

Como já exposto anteriormente, na educação infantil, explorar o imaginário e a ludicidade são pontos essenciais para fazer valer os pilares do processo de aprendizagem com crianças pequenas, que são as interações e as brincadeiras. Sendo assim, temos o imagético como ponto de extrema importância e explorar este imaginário através das literaturas é essencial. No entanto, este não deve ser um campo a ser percebido e explorado de forma isolada. Já que a imaginação contribui significativamente para a formação e percepção do mundo pela criança, principalmente na capacidade de utilizá-la nas brincadeiras para a compreensão dos papéis e funções sociais, as literaturas devem sempre trazer relações com a realidade e as memórias infantis.

Há décadas o debate racial vem conseguindo maior visibilidade e atualmente com a divulgação rápida de informações pelos veículos de mídia social, isso tem ganhado ainda mais força. As crianças, por menores que sejam, já são nativas digitais<sup>6</sup> desta nossa era, com isso, também têm acesso a imagens e informações diversas. Sendo assim, criam suas impressões e possibilidades para a exploração do mundo real através do seu imaginário. Diante disso, percebemos o quanto as literaturas podem e devem conter debates que se aproximem da realidade desses pequenos. Possivelmente, para muitos, o debate das questões raciais pode ser tido como um assunto muito “adulto” ou “muito sério” para os pequenos, mas esse argumento se esvazia quando este debate está diretamente ligado às vidas deles. Sendo assim, é muito preocupante a escassez de literaturas que abordam e exploram as temáticas afrocentradas.

De forma geral, as narrativas das literaturas apresentadas quase impossibilitam grandes conexões com a realidade, como por exemplo o livro “A verdade sobre as sereias”. Fica evidente que as histórias, na grande tentativa de buscar o imagético infantil, se distanciam do real. Mas é possível relacionarmos as questões das vivências reais de forma imagética sem infantilizar demais os contextos e as narrativas. As crianças pequenas necessitam de materiais didáticos - e aqui exclusivamente os livros - que explorem para além do visual pelo visual, da imaginação pela imaginação, das cores pelas cores. Os conteúdos das narrativas literárias devem fazer sonhar e imaginar, mas isso não significa que essas narrativas são universais ou alienadas da realidade, ou que não têm um horizonte de construção do imaginário para a (e que

---

<sup>6</sup> Segundo o autor e educador Mark Prensky (2010), nativos digitais são aqueles indivíduos que desde muitos novos estão inseridos e convivem com as diversas plataformas digitais existentes na sociedade. Essa interação diária permite que eles consigam estabelecer comunicação com diferentes mídias ao mesmo tempo.

faz parte da) convivência social. A ludicidade deve ser utilizada como apoio ao fazer pedagógico, mas jamais se destoando das realidades individuais e coletivas de pessoas e grupos.

Desta forma, ter acesso a narrativas que não propiciem isso pode travar as possibilidades de elaboração e assimilação por parte dos pequenos.

### 3.4 VERIFICAR E ANALISAR AUSÊNCIAS E PRESENCAS DE DISCUSSÕES ACERCA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Algumas literaturas recebidas apresentam diversidade racial e a possibilidade, mesmo que indiretamente (como nos exemplos que darei), de levantar discussões que ampliem o debate racial partindo de situações reais com conexões ao imaginário infantil. A história Elmes, o elefante xadrez de David Mckee - WMF Martins - conta a história de um elefante que era diferente de todos os outros à sua volta. Ao abrir o debate sobre os tons de pele que seriam ou não “aceitos” pelo grupo de elefantes, percebemos a possibilidade de explorar a temática racial a partir de exemplos sobre tons de pele e de como a imposição do outro (sociedade) faz com que tenhamos atitudes de pertencimento que precisam negar a nossa naturalidade (quem somos de fato). Na história, o personagem mudou de cor para agradar aos demais. Como, possivelmente, a criança recebe isso ao ouvir a história? Com o desfecho, supostamente há uma aceitação do diferente, mas se ampliarmos a análise, quando criam um dia para o Elmer onde todos se pintam de colorido, novamente a ideia de diversidade se perde, pois ainda precisam se igualar para que o diferente seja aceito.

Outra história que destaco é “Onde você mora?”, de Silvana Tavano e Carla Caruso, que faz um questionamento: “onde você mora?”

Esta literatura explora o imaginário infantil tentando fazer relações entre sonhos, desejos e a realidade. Além disso, apresenta diversidade racial ao também apresentar (mesmo que em menor quantidade) personagens com diferentes tons de pele e texturas de cabelos. A pergunta que dá título à história possibilita tanto respostas reais, como permite que a imaginação elabore maneiras de respondê-la, como visto pelos próprios personagens. Isso permite que a criança se enxergue e seja sujeito de suas próprias falas e condições de imaginar.

Uma terceira história, a “Bola vermelha”, de Vanina Starkoff, é um livro imagem e tem em seu enredo um personagem que é apresentado pela cor preta, com um cabelo volumoso com formato de semicírculo e lábios grandes, formando uma representação caricata de um menino negro, reforçando estereótipos. Este personagem aparece retirando frutas de uma árvore e quando se encaminha com seu cesto, se depara com uma bola vermelha. Todo o livro apresenta

imagens em preto, branco e vermelho. No decorrer aparecem onomatopeias para expressar algumas situações. O personagem vai se encaminhando e percebendo as possibilidades para aquela bola: seria ela uma fruta que caiu no pé de uma árvore? Ou que caíram dos cestos de umas mulheres que ali passavam? Estas também representadas com o tom da pele preta e com o formato do cabelo semelhante ao do personagem principal. Além desses exemplos, o personagem segue seu caminho buscando outras possibilidades para descobrir de onde apareceu aquela bola vermelha.

Apesar de supostamente apresentar um personagem como negro, este se apresenta muito de forma caricata, até mesmo impossibilitando que as crianças se sintam representadas. Apesar disso, apresenta um enredo que possibilita que o imagético se cruze com o real a partir do momento que, com uma única bola - objeto que as crianças têm fácil acesso em suas diferentes realidades sociais – o personagem utilize de sua imaginação para criar possibilidades para aquele objeto.

Outra história que podemos abrir debates e discussões é “Medo” de Clara Gavila, que é um livro imagem e apresenta como enredo um animal há a predominância de tons escuros nas imagens. Com essas observações, analisa-se que nesta história a ideia de medo se atrela a tons de cores escuros, podendo levar de forma indireta as crianças a fazerem ligações. A ideia de que o que é preto é ruim, medonho ou perigoso é vendida no nosso país desde os tempos da escravidão e se não nos atentarmos, perpetuamos essas visões e discursos diariamente.

O livro “Blim blão!”, de Alessandra Pontes Roscoe, é inspirado em uma cantiga popular e com isso apresenta muitas rimas. O personagem principal é apresentado como um garotinho de tom de pele clara que no decorrer da história usa a sua imaginação fazendo relações entre cores e animais. A estética visual do livro apresenta muitas cores e muitos animais com detalhes ricos. A presença desta literatura nos mostra o resgate da cultura popular através de cantigas. A cultura popular fala muito sobre o povo, nosso povo brasileiro, e é uma das maiores fontes de perpetuação das histórias afro-indígenas brasileiras. Com isso, trago à tona também a necessidade da presença das histórias e cantigas trazidas por diversos povos que contem sobre a realidade da sociedade brasileira, como por exemplo provérbios africanos, histórias contadas pelos Griôs, músicas e cantigas originárias dos povos africanos. Estas são produções culturais e históricas que nos pertencem enquanto sociedade. Precisamos remar contra o apagamento das histórias orais, no sentido de uma prática de preservação, resistência e pertencimento dos povos negros trazidos para o Brasil.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminhar da presente pesquisa se desenvolveu de modo a alcançar o objetivo geral proposto: analisar os livros paradidáticos ofertados pelo PNLD. Isso, principalmente, pelo fato das práticas e vivências que tive enquanto professora de educação infantil, que ao longo do tempo passou a enxergar o quão urgente são as discussões raciais, o (re)conhecimento das histórias africanas e afrobrasileiras e mais ainda a necessidade da representação negra para a construção/reafirmação da identidade das crianças.

A partir do momento em que passei a perceber e entender o contexto racial ao qual eu estive inserida, meu olhar se modificou e levou a percepção de que se quisesse de fato uma sociedade justa e igualitária, eu precisaria me mover assim como toda a sociedade, de acordo com a ideia de Letramento Racial Crítico (FERREIRA, 2014), de modo a haver uma mobilização tanto de brancos quanto de negros, com uma maior reflexão sobre os conceitos de raça e racismo para criar um maior pensamento crítico e práticas sociais coerentes e não excludentes.

Levando em consideração o ponto de partida instigador que justificasse a escolha desta temática, foi necessário realizar uma pesquisa bibliográfica que pautasse e sustentasse as observações que estariam em minha análise. Neste sentido, trazer às discussões autores como Kabengele Munanga e Aparecida de Jesus Ferreira, além das informações de documentos oficiais, foi de grande suporte para que este trabalho pudesse ser tecido de forma mais alinhada com a temática.

No meu dia a dia na Educação Infantil, sempre utilizei as literaturas infantis como aliadas no processo de aprendizagem. Através delas, conseguimos trabalhar a concentração, a escuta e possibilitar que o repertório oral se amplie. Elas também permitem, através da exploração da imaginação, que as crianças criem possibilidades e façam relações com suas próprias vidas. Apesar disso, um ponto a ser discutido é que a prática diária pedagógica deve ser enriquecida pelos materiais paradidáticos, no entanto na falta deles, precisamos ter estratégias para que o caminhar pedagógico continue fluindo. É o planejamento que é enriquecido pela literatura e não deve ser uma regra que a partir só dela que eu planeje.

A análise dos contextos e histórias que aparecem nas narrativas das literaturas infantis me leva à conclusão de que há muita preocupação em explorar o imagético infantil, embora aparente ser apenas a imaginação pela mera imaginação, ou seja, com pouco ou nenhuma relação com os contextos da realidade e as conexões que estes poderiam ter com a imaginação.

Como já citado neste texto, o lúdico é essencial na Educação Infantil, sendo assim, o imagético, que normalmente aparece na rotina escolar, é apresentado através das brincadeiras, interações livres ou mediadas, e as literaturas infantis apresentam um papel crucial para que haja conexões entre imaginação e realidade. A maioria das literaturas analisadas se afasta neste sentido quando apresentam histórias muito irreais e/ou trazendo apenas um determinado tipo de personagem (grande parte das histórias era com animais e animais que nem mesmo encontramos nas florestas brasileiras). Vale ressaltar aqui, que não há uma crítica direta ao uso do imagético, pelo contrário. O que evidencio através das análises é que as literaturas precisam fazer sentido de alguma forma para os alunos. A imaginação é necessária e urgente pois segundo bell hooks “Na cultura do dominador, matar a imaginação serve como meio de reprimir e conter todo mundo dentro dos limites do status quo.” (P.105)

De forma geral, as narrativas das literaturas apresentadas quase que impossibilitam grandes conexões com a realidade infantil. Fica evidente que as histórias, na grande tentativa de buscar o imagético infantil, se distanciam do real. É possível relacionarmos as questões das vivências reais de forma imagética sem alienar os contextos e as narrativas. As crianças pequenas necessitam de materiais didáticos - e aqui exclusivamente os livros paradidáticos - que explorem para além do visual pelo visual, da imaginação pela imaginação, das cores pelas cores. O conteúdo das narrativas literárias deve fazer sonhar e imaginar dentro de um horizonte formativo de sensibilidades, percepções, reconhecimento cultural, coletivo e histórico. A ludicidade deve ser utilizada como apoio ao fazer pedagógico, mas jamais se destoando das realidades individuais e coletivas de pessoas e grupos.

Muito do que pude observar e questionar a partir de minha análise é que a hipótese inicial de que poucas eram as literaturas que dariam conta de possibilitar caminhos para a efetivação de uma prática antirracista se concretizou. Houve uma maior surpresa ainda em esmiuçar e perceber, com um olhar mais atento, que as literaturas não oportunizam relações reais (atreladas ao imagético) para que alunos se sintam capazes de se enxergar naquelas narrativas, principalmente em se tratando de alunos periféricos. Outro ponto curioso, e infelizmente negativo, é a falta de representatividade negra nos personagens e nos autores. Outra questão importante a se tecer é a mensagem percebida nas entrelinhas das narrativas, como por exemplo associar a cor preta ou tons escuros ao medo ou a algo negativo.

Isso só pode ser possível diante das percepções de Letramento Racial Crítico que construí no decorrer da minha caminhada. Diante disso, fica explícito o quanto o Letramento

Racial Crítico é necessário, principalmente quando nos referimos ao ambiente escolar, que cria referências desde muito cedo nos alunos.

Desta forma, essas narrativas não propiciam de fato conexões reais que possam representar e dar voz aos alunos, acabando assim por travar as possibilidades de elaboração e assimilação por parte deles.

Pensando nisso, é preciso criar (des)caminhos que possam ser trilhados de maneira que a prática pedagógica em que acredito e defendo possa ser realizada de forma mais contundente. Lutar diariamente para que o acesso ao acervo de livros do PNLB seja mais do que apenas 15 livros recebidos e assim conseguir perceber em outras literaturas novas possibilidades.

Enquanto profissionais que se inquietam e vivem em movimento em prol de novas caminhadas, precisamos continuar lutando para que cada vez mais um maior número de pessoas e profissionais entendam a urgência e a importância das discussões raciais para a efetivação de uma prática antirracista e mais com mais representatividade.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Neide A. de. **Letramento racial: um desafio para todos nós**. Portal Geledés. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/letramento-racial-um-desafio-para-todos-nos-por-neide-de-almeida/?amp=1>. Acesso em: 14 de agosto de 2020.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BRASIL, MEC; CNE, CEB. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Resolução CEB-CNE, v. 1, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. **PNLD - Ministério da Educação**. 2017. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-acoes-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>>. Acesso em: 20 de outubro de 2020.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: Sabedoria prática**. Brasil, Editora Elefante, 2020.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Educação antirracista e práticas em sala de aula: uma questão de formação de professores**. Antiracist education and classroom practices: a matter of teachers training. 2012.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. Revista da ABPN• v, v. 6, n. 14, p. 236-263, 2014

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas: com atividades reflexivas**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015.

GATTI, Bernardete Angelina. A produção da pesquisa em educação no Brasil e suas implicações. \_\_\_\_\_ **A Construção da Pesquisa em Educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, p. 09-40, 2002.

HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

JUNIOR, Eduardo Brandão Lima et al. **Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa**. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 44, 2021. MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004. 136 p.

MORGAN, G. **Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações**. In CALDAS, M. P.; BERTERO, M. Teoria das Organizações. São Paulo: Atlas, 2007, p. 12-33.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Seminário Alfabetização e Letramento em Debate, p. 1-16, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

\_\_\_\_\_. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos PENESB, Número 5. Niterói: EDUFF, 2003.

PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo. **Necropolítica & epistemicídio: as faces ontológicas da morte no contexto do racismo**. 2018. 98 f., il. Dissertação (Mestrado em Metafísica)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

PRENSKY, Marc. **Não me atrapalhe, mãe - Eu estou aprendendo!** São Paulo: Editora Phorte, 2010.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, Jul., 2009.

SANTOS, Elisabete Figueroa dos; PINTO, Eliane Aparecida Toledo; CHIRINÉA, Andréia Melanda. **A Lei nº 10.639/03 e o Epistemicídio: relações e embates**. Educação & Realidade, v. 43, p. 949-967, 2018.

SOARES. Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Minas Gerais. 2006.

\_\_\_\_\_. **Letramento. Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial: 2014